



HISTÓRICO

Traçar o perfil histórico de uma instituição, quando ela completa seus trinta anos de existência não parece em si uma tarefa difícil. Afinal, instituições européias de ensino têm sua história minuciosamente registrada, desde os primórdios da Idade Média, quando se constituíram na forma de corporações. O presente trabalho, não só pela limitação dos dados disponíveis, como também pelo fato da Escola de Enfermagem ter suas origens e seu passado ligado à Faculdade de Medicina, não tem a pretensão de esgotar o assunto. Mais do que isso, visa oferecer subsídios para estudos futuros e mais abrangentes, animados pela perspectiva de fornecer uma visão clara, completa e objetiva da história desta instituição em particular, como da própria história da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em 6 de agosto de 1949, quando Clement Mariani ocupava a pasta da Educação e Saúde era promulgada a lei número 775 que previa a criação de Escolas de Enfermagem em todo o país, anexas às Faculdades de Medicina. A consciência da importância da enfermagem no contexto de um país em vias de industrialização, com uma população crescente e vivendo os primórdios da urbanização acelerada leva a esta definição que vinha, de forma direta, a preencher lacunas de especialização profissional. Além disso, os reflexos psicológicos da II Guerra Mundial, recentemente terminada e cujas consequências ainda se faziam sentir não só pela Europa mas também no Novo Mundo, figuram entre as causas que levaram as autoridades educacionais a voltarem seus olhos para o ensino da enfermagem a nível superior.

Em 31 de março de 1950, o próprio Ministro Mariani dirigiu ao Professor Luiz Francisco Guerra Blessmann, diretor da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio Grande do Sul (estadual) um telegrama dando conta de sua preocupação quanto ao seguinte:

“Havendo o Ministério considerado o inadiável interesse de fazer funcionar, ainda este ano, uma Escola de Enfermagem junto a essa Faculdade, autorizo-vos a tomar imediatas providências no sentido da instalação do curso, que obedecerá a regras gerais fixadas e regulamentação publicada no Diário Oficial de 19 de dezembro do ano passado. Outrossim, vos autorizo a entrar em entendimentos com o diretor do Serviço Especial de Saúde Pública, que fornecerá os necessários recursos para o funcionamento este ano. Saudações cordiais, Clemente Mariani”.

Em 6 de setembro do mesmo ano, Blessmann envia ofício ao novo ministro da Educação e Saúde, Pedro Calmon, mencionando, entre outros tópicos: “... tornava-se imperioso solucionar o problema, colocando assim o nosso Estado em nível de igualdade ao de vários outros, onde já existem instaladas Escolas de Enfermagem”. Informa ainda o diretor da Faculdade de Medicina o andamento da construção do Hospital de Clínicas e os contatos que vinha mantendo com o Serviço Especial de Saúde Pública (S.E.S.P.), órgão a quem caberia a organização e administração da nova escola.

No decorrer do ofício, Blessmann destaca ainda a disponibilidade da Professora Maria de Lourdes Verderese e de outras duas professoras, Olga Verderese e Odete Mascagui de Andrade, especialmente deslocadas de São Paulo para nossa capital com o fim de dirigir a Escola, bem como a necessidade reconhecida de se construir um prédio próprio para abrigar administração, internato de alunas e laboratórios de ensino. O referido prédio deveria situar-se próximo ao Hospital de Clínicas e para tanto já havia sido idealizado um ante-projeto.

É solicitado ao Governo Federal, em consequência disso, verba de Cr\$ 9.000.000,00 para pessoal: Cr\$ 5.000.000,00 para a construção do prédio e 700.000,00 para material. Conclui o Professor Blessmann: “Em se tratando de solução de um magno problema que sem dúvida virá a concorrer para, no que lhe compete, melhorar as condições sociais e de vida ao nosso País, confia, esta Diretoria, que V. Excia., perfeito conhecedor dos nossos problemas educacionais e da necessidade primordial da manutenção da saúde, venha a atender a solicitação que empenhadamente lhe dirige”.

Convênio e Inauguração

Ernani Braga, diretor do Serviço Especial de Saúde Pública e Luiz Francisco Guerra Blessmann, diretor da Faculdade de Medicina da URGs assinaram, a 5 de março 1951, um convênio entre ambas as instituições, válido até 31 de dezembro de 1953. Ao longo de suas nove cláusulas, o convênio responsabiliza o S.E.S.P. pela organização, administração, paga-

mento dos vencimentos da diretoria e de uma assistente para a nova Escola de Enfermagem. Fica a Faculdade responsável pelo pagamento do pessoal constante, pelas despesas de instalação e de manutenção. Ambos, finalmente, comprometem-se em buscar recursos para a futura construção da sede própria da Escola, um desejo que diante da realidade dos fatos teve que ser postergado...

Como todos os demais arranjos já haviam sido feitos previamente à assinatura formal do convênio, quatro dias depois — a 9 de março, portanto — era proferida a aula inaugural da Escola de Enfermagem, pela Professora Maria Rosa Souza Pinheiro, de São Paulo. O ato de criação ocorreu a 4 de dezembro do ano anterior, pelo artigo 13 da lei número 1254.

Era diretora da nova Escola, Maria de Lourdes Verderesse, paulista, graduada pela Universidade John Hopkins e possuidora de mestrado pela Universidade de Columbia, Nova York. Enquanto concluía seus estudos nos EUA foi substituída na direção por sua irmã Olga. Além delas, havia no núcleo inicial e pioneiro professores vindos de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Goiás, além de uma única gaúcha. Já em 1955, duas das primeiras formandas (em número de sete) da primeira turma se incorporaram ao corpo docente da escola, dando início ao processo vital de realimentação do professorado através de egressos do próprio corpo docente.

As primeiras atividades da escola tinham lugar na Faculdade de Medicina (administração) e nas ruas Florêncio Ygartua 164 e 314 e Schiller 1035 (residências).

Teoria e prática

Desde os seus primórdios, a filosofia educacional que orientava as atividades da Escola de Enfermagem voltava-se para o ensino teórico e prático. Além da aprendizagem na sala-de-aula, eram oferecidos contatos com pacientes e suas famílias e com a comunidade. Os estágios complementares tinham lugar em hospitais (principalmente a Santa Casa de Misericórdia), clínicas e unidades sanitárias da Secretaria da Saúde, fornecendo assim aos graduandos uma visão realista e abrangente de seu mercado profissional e do dia-a-dia de suas atividades.

Já nesta época ficavam claras as normas técnicas segundo as quais seria regida a educação dos enfermeiros, cujas funções gravitariam entre a assistência ao indivíduo sadio ou doente, a administração e organização hospitalar e de centros de saúde e a atividades docentes. “Promover, proteger e recuperar a saúde do homem através de uma assistência de enfermagem científica, que identifique, analise e encontre soluções de enfermagem pertinentes com a realidade”, essa uma das normas que rege a Escola de Enfermagem da Universidade do Rio Grande do Sul desde suas origens.

Mais importante do que a aquisição de técnicas é a conscientização de que o homem é um ser biopsicossocial e espiritual, e que entre suas necessidades básicas, antes mesmo do remédio e do tratamento estão carências como segurança, estima e auto-realização.

Outro trecho do Plano de Organização descreve assim as funções da enfermagem: "A enfermeira é um agente pensante, assim como é um agente executivo. O ensino da enfermagem deve, portanto, oferecer oportunidades para uma atuação independente em situações que exijam a solução de problemas que desenvolvam a iniciativa, o expediente, o critério, a confiança e a independência".

"As Escolas de Enfermagem não poderão ser consideradas como instituições educacionais enquanto não fizerem da educação o seu objetivo primário, com a finalidade principal de desenvolver todas as potencialidades que contribuem para a formação de uma personalidade bem integrada e de uma enfermeira eficiente".

Plano de organização

Em 21 de agosto de 1950, a professora Maria de Lourdes Verderesse assinou um extenso e abrangente documento intitulado "Plano de Organização da Escola de Enfermagem de Porto Alegre" onde salientava, entre outros aspectos, a nova feição desta ciência em decorrência das mudanças sociais e dos avanços da tecnologia médica. Na sua concepção, enfermagem deveria ser compreendida não mais apenas como o cuidado ao doente em seus aspectos físico, psíquico e social, mas também a proteção à saúde em seu sentido global, a educação e assistência sanitária ao indivíduo, à família e à comunidade. Por estes motivos, a proximidade com a Faculdade de Medicina e o acesso à Santa Casa e Unidades Sanitárias sempre foram altamente benéficos, na medida em que fornecem quadros reais da multiplicidade de situações que caracterizam a realidade.

Foi concebido para aquele ano de 1950 e os subseqüentes o seguinte programa de estudos:

- 1 — **Ciências biológicas e físicas** — anatomia, fisiologia, química, física, nutrição, microbiologia, parasitologia e patologia, envolvendo conhecimentos sobre o organismo humano, variações no meio interno e externo, os processos da célula viva, conservação da saúde, processos fisiológicos, sinais de alerta, normas higiênicas e princípios e bases dos cuidados de enfermagem;
- 2 — **Ciências Sociais** — psicologia, sociologia, higiene mental, princípios de serviço social, avaliando o comportamento humano, as relações

entre os indivíduos, família e grupo social e questões do bem estar da comunidade, além de aspectos sociais da doença, história da enfermagem, seus princípios e práticas;

- 3 — **Medicina preventiva e saúde pública** — estudo das causas, tratamentos, formas de erradicação e profilaxia das doenças.

Esse currículo capacitava as estudantes para as áreas de enfermagem médico-cirúrgica, psiquiátrica, obstétrica, pediátrica, de moléstias transmissíveis e saúde de comunidades rurais e urbanas, num total de quatro anos.

Dizia o texto: "O currículo profissional é construído sobre a consideração de que o paciente e sua família constituem a unidade do cuidado de enfermagem e de que cada enfermeiro, seja qual for a especialidade à qual se dedique, é sempre um enfermeiro de saúde pública apto a lidar, eficientemente, com os aspectos preventivos e curativos da doença".

As atividades deveriam dividir-se em três níveis sucessivos: o alicerce (ensinamentos básicos), a integração (instrumentais, informações, técnicas e atitudes de trabalho) e a aplicação (situações vivenciais concretas).

Quando surgiu há 30 anos atrás, a Escola de Enfermagem exigia para admissão apenas o ginásio, normal ou comercial completo, além de documentos como atestado de sanidade física e mental, de idoneidade moral e vacinas. Complementarmente era aplicado um concurso de habilitação com provas de química, física e biologia. Exigia-se das candidatas idade mínima de 16 anos e máxima de 38. Foi somente em 1956 que a admissão se equiparou à admissão dos demais cursos e faculdades da UFRGS.

Corpo docente

Com recursos vindos do Governo Federal e do S.E.S.P. a Escola complementaria sua receita (ainda segundo o Plano de Organização) com as taxas de matrículas das alunas que pudessem pagá-las. Seriam pleiteadas bolsas de estudos para alunas menos dotadas financeiramente, mas cujo concurso de habilitação demonstrasse capacidades intelectuais para a profissão.

A composição do corpo docente seria feita por professores da Escola, professores da Faculdade de Medicina ou de outra unidade universitária convidados para este fim. Aulas teóricas e práticas estavam programadas já então, e vale notar o vanguardismo de uma posição pedagógica dessa natureza, quando dominava o academicismo em todo ensino superior do

País. Além da Santa Casa, as unidades de saúde pública e outros hospitais da rede municipal receberiam estagiárias da Escola de Enfermagem.

Outra preocupação da Escola de Enfermagem já nos seus primórdios relaciona-se com a qualificação de seu corpo docentes, motivado e incentivado (através do acesso facilitado a bolsas de estudo) a especializar-se no exterior, uma vez que no Brasil não existiam cursos dessa natureza.

Uma das proposições do Plano que hoje, aos olhos da pedagogia e do próprio comportamento contemporâneo soa como curioso — no mínimo — é a ênfase dada à residência para alunas, em regime de internato. Dentre o corpo de justificativas vale pinçar algumas: “oferecer às alunas uma vida sadia e equilibrada, com alimentação racional, repouso, recreação em convívio social e gozo estético em interiores harmoniosos; facilidade de moradia, perto das áreas de trabalho da escola, economia de tempo, local apropriado para estudo distanciado das solicitações da teia de vida da família; oferecer um lar onde haja vida “em família”, com o necessário controle social para aquelas estudantes que não tenham lar na cidade sede da escola; consciência da aluna como ser social provendo doce afeição, verdadeira amizade, sentimentos que deverão ser o fundamento, a pedra angular da residência”. (...)

A descrição quanto à residência chega a minúcias no Plano, descrevendo em metragem a área dos quartos, o mobiliário, as áreas de circulação e de ingresso, as áreas de lazer e os equipamentos de lavanderia, cozinha e demais serviços. A leitura atenta do documento reflete a vivência americana da diretoria (que estudou nos Estados Unidos) onde são típicas as instituições dessa natureza.

Uma recomendação aos professores do curso quanto aos objetivos da educação das enfermeiras: caracterizar sua atividade sempre como educativa; ênfase aos aspectos nutricionais, básicos no que tange à prevenção e à recuperação da saúde; compreensão a mais ampla possível das condições familiares e coletivas, por tudo que representam os fatores econômicos e sociais para a alteração do equilíbrio no binômio saúde/doença.

Primeiro relatório

No ano de 1951, 16 moças estavam inscritas para o concurso de habilitação. Três não compareceram, uma foi reprovada e doze ingressaram. No correr do ano, contudo, cinco desistiram, muitas por motivo de casamento.

Em 14 de dezembro de 1951, assinalando o término do primeiro ano de atividades da Escola, foi realizada uma festinha na sede da rua Florêncio Ygartua, à qual compareceram o General Ernesto Dornelles (governador do Estado), Prof. Alexandre Martins da Rosa (reitor da Universidade), Prof. Guerra Blessmann (diretor da Faculdade de Medicina) e Alberto

Carneiro (diretor do Departamento Estadual de Saúde), além de professores e pais de estudantes. Foi lido, na ocasião, o Relatório das atividades deservidas.

O acalentado sonho da sede própria, habilitada a oferecer condignamente as condições de estudo teórico, prático e moradia às estudantes de Enfermagem, contudo, permanecia apenas como um sonho. O empenho da diretoria, bem como de suas sucessoras, no entanto, não foi o suficiente para alcançar a meta, conforme atesta ofício assinado por Oscar Valdeta-re, chefe da Seção de Arquitetura do Serviço Especial de Saúde Pública do Ministério da Educação e Saúde, dirigido à Maria de Lourdes Verderese. Nele é explicado o interesse em construir no Rio Grande do Sul uma Escola padrão, para o que não seriam suficientes os detalhes e projetos apresentados. Estudos mais aprofundados deveriam antecipar-se ao início da construção propriamente dita. "O tempo gasto no planejamento", conclui ofício, datado de fevereiro de 1953 "é ganho em custo e perfeição na construção".

Em agosto do mesmo ano, a resolução nº 82 do reitor Elyseu Paglioli destina uma verba no valor de um milhão de cruzeiros para as obras da Escola. Em 17 de novembro, de 1953 também foi assinada a resolução de número 121 pelo vice-reitor em exercício Pery Pinto Diniz da Silva, abrindo crédito especial de Cr\$ 500.0000,00 para despesas com a continuação das obras. A seguir, a Reitoria redefiniu suas prioridades e suspendeu as atividades de construção da Escola.

Em 1952 houve 19 inscrições ao concurso de habilitação; em 1953, 35; em 1954, 20. Por essa época, faziam-se campanhas promocionais sistemáticas no interior do Estado e na Capital, para que mais candidatos se interessassem pelo estudo de Enfermagem. Hoje, em decorrência da reforma, do Concurso Vestibular Unificado e de uma nova mentalidade, o número de interessados crescem a níveis muito superiores ao número de vagas.

Em 1954, aliás, um ofício enfoca claramente as dificuldades da instituição, tais como falta de pessoal, problemas de transporte por não possuir um ônibus, carências de acomodação e má remuneração dos professores. Cita, ainda, uma viagem de estágio feito por grupo de alunos à capital paulista.

O ano de 1955 marca um episódio significativo: as primeiras diplomadas pela escola passam a integrar seu corpo docente. No lugar de Maria de Lourdes Verderese assume a direção da Escola Celina da Cunha.

Nove anos depois

A situação da Escola em 1964 é de particular importância, não só pela sucessão de fatos políticos que alteraram a história do País e os rumos da

própria Universidade, mas principalmente pelo arrefecimento dos desejos de autonomia, visando com isso o desligamento administrativo da Faculdade de Medicina.

Das 23 enfermeiras que constituem o corpo docente da Escola nesta época, 70% foram diplomadas pela própria Escola, que nos seus 14 anos de atividade já formara 114 profissionais: 113 mulheres e 1 homem, além de 92 auxiliares. Do total de graduados, 87% mantinha-se em atividade no Rio Grande do Sul; 13% em outros estados ou mesmo no exterior.

A mão-de-obra estava empregada em hospitais (à ordem de 57%), em autarquias de saúde pública (16%) e em atividades de ensino (27%). O problema de condução para levar alunos aos estágios em diferentes pontos da cidade e arredores fora solucionado; com orgulho, falava-se na biblioteca especializada em três mil volumes e nas obras visando a sede própria. O ofício leva assinatura da diretora Maria da Glória Leite Rozas e está dirigido ao diretor da Faculdade de Medicina. Relatando o histórico desde a criação em 1950, conclui solicitando providências e apoio a fim de que seja alcançada a desejada autonomia Enfermagem/Medicina. Lembra, ainda, a valiosa assessoria prestada a hospitais, clínicas e outras escolas, bem como o elevado número de professores permanentemente convidados para constituir bancas examinadoras e cursos de extensão em outras unidades universitárias.

No final, destaca e alerta que, "ao completar seus 14 anos de idade a Escola de Enfermagem, julga a direção da mesma, está capacitada como as demais instituições desta Universidade, a dirigir seus próprios trabalhos".

A solução, contudo, não seria rápida. Em 30 de maio de 1967, novo ofício da Professora Maria da Glória Leite Rozas é encaminhada ao Professor Francisco de Castilhos Marques Pereira, diretor da faculdade de Medicina, pedindo providências no sentido de que fosse efetivada a conclusão dos trabalhos da comissão responsável por emitir parecer sobre o pedido de autonomia. Esta finalmente foi obtida em 1º de setembro de 1970, pela Portaria nº 714, que implantava na Escola de Enfermagem a reestruturação da UFRGS determinada já no Decreto nº 62.997 de 1968.

Atualidades

A Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao completar trinta anos de existência, vive paradoxalmente uma situação curiosa: tendo conquistado autonomia e reconhecimento, oferece a seus estudantes um mercado de trabalho ainda relativamente amplo, com oportunidades preciosas de emprego e remuneração adequada. Por outro lado, ainda não recebeu da Universidade e sonhada sede própria, um an-

seio que a acompanha desde sua criação.

A composição do corpo docente inclui professores com as seguintes titulações: 7% com doutoramento, 13% com mestrado, 70% com especialização e 10% somente com bacharelado.

A partir de 1978 vem se mantendo uma proporção de 12,11 candidatos por vagas no Concurso Vestibular Unificado, em primeira opção. São três departamentos da Escola: Departamento de Enfermagem Materno-Infantil, Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica e Departamento de Assistência e Orientação Profissional, que oferecem diferenciação curricular a partir de uma base de conhecimento comum.

A administração da Escola é confiada aos seus órgãos superiores, ou seja, a Congregação, o Conselho Departamental e a Direção, atualmente encabeçada pela Professora Vani Maria Chiká Faraon. Biblioteca, Laboratório de Ensino, Setor Audiovisual, Pós-Graduação (vinculada) e Secretaria são alguns dos instrumentos operacionais a agilizarem a atuação didática da Escola. No Laboratório de Ensino, financiado pelo Projeto de Apoio ao Ensino e funcionando no andar térreo do antigo prédio do Ciclo Básico, na Avenida Ramiro Barcellos, são ministradas aulas teórico-práticas para o desenvolvimento de habilidades em procedimentos de enfermagem, tais como posições para exames, instrumental de trabalho, manobra de ressuscitação, medidas de higiene e conforto, medicamentos, manejo de incubadoras, autoclaves e outros equipamentos de segurança.

Funcionam desde 1966 os cursos de enfermagem de pós-graduação, com especialização em obstetrícia e saúde pública (67), oferecendo ênfases mais recentemente em enfermagem psiquiátrica (*lato sensu*), pediátrica e saúde do adulto.

Oito alunos, ou seja, 43% da primeira turma de mestrado já defenderam suas teses. Funcionam desde 1976 cursos de pós-graduação em "strictu sensu", estando ambos os programas voltados prioritariamente para a formação de docentes para nosso Estado e outros da Federação.

Em 6 de junho do ano passado, a diretora da Escola dirigiu extenso ofício ao reitor Homero Só Jobim, descrevendo a angustiosa situação física da instituição, com atividades em desenvolvimento em três locais distintos: a sede da Avenida Protásio Alves, o Hospital de Clínicas de Porto Alegre e o prédio do Ciclo Básico. Termina o ofício sugerindo, a médio prazo, a medida que este último prédio fosse sendo desocupado, por transferências para o Campus do Vale, que viesse a ser destinado à Enfermagem, a qual permaneceria desta forma junto a todo o Campus Médico da UFRGS.

Nova conceitualização

Ainda que o tempo tenha passado, muitos preconceitos e falsas noções sobre a atividade da enfermeira permanecem solidamente arraigados nas mentes da maioria da população. Crendices e noções muitas vezes caricaturais distorcem a realidade do exercício desta profissão, hoje encaradas pelas autoridades como elemento valioso e indispensável na formação de equipes multidisciplinares de saúde.

Um breve histórico desta ciência — que na realidade acompanha o homem desde o seu surgimento sobre a Terra — e especialmente depois — da verdadeira revolução desencadeada pela inglesa Florence Nightingale mostra que, “antigamente, a enfermagem era rica em **como** fazer, mas pobre **porque** fazer. Estava interessada na sua maior parte em fazer algo **para** ou **pelo** cliente, mas **com** o cliente. A enfermagem mudou, evoluiu..., o enfermeiro tem que fazer-se presente **junto** ao cliente”.

Jornalista SUZANA SONDERMANN ESPÍNDOLA